

DILEMAS DA CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

Camillo Cavalcanti (UESB)
camillo.cavalcanti@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é a transcrição do manuscrito apresentado no Concurso de Provas e Títulos para Professor Adjunto de Literatura na Universidade Federal da Bahia (2013). Revela as falhas e os problemas da crítica literária, mormente no Brasil, propondo algumas soluções. 1. Problemas gerais: A obra literária vive uma realidade de pouca leitura. Trocar "Estudos Literários" por "Estudos Culturais" não é uma solução, mas um impasse da crítica literária. 2. Problemas específicos: A falta de definição sobre a literatura criou um cânone equivocado, com ensaístas, oradores, jornalistas, e impediu a necessária revisão ou o capítulo urgente sobre literatura contemporânea. À crítica no Brasil urge entender o mundo multimídia, desde o teatro clássico até música, cinema ou telenovela, a fim de corrigir remendos extemporâneos.

Palavras-chave: Epistemologia. Ciência da literatura. Teoria literária.

Crivada de problemas de toda ordem, a crítica literária atravessa uma crise aguda. Até mesmo seu estatuto havia sido ameaçado: qual o lugar da crítica literária? Qual sua contribuição para a constituição do ser humano?

O conhecimento de obras literárias foi visto como estéril movimento do saber para o que é inútil. Ter como objeto o texto literário também se tornou um fardo vergonhoso, por estudar o fictício, a enganação, a velha *mimesis* de Platão. O mesmo fantasma ronda a cidade crítica: a consciência de seu papel distinto na construção do homem em sua plenitude.

O desconforto nasce quando o repertório literário é julgado um manancial de inutilidades, para o qual não houve espaço no jornal durante as últimas décadas do século XX. Esse é o primeiro grande ponto ou dilema que a crítica literária precisa resolver para estancar o sangramento que virulentamente corre para áreas afins, como ciências sociais (na busca pelos estudos culturais), a filosofia (na busca por hermenêuticas) e outras artes (na busca de um refúgio que aliviasse o melodrama do rejeitado e estanho objeto de desejo: a literatura).

Na busca de relação com outras artes, a defesa do literário e sua relevância devem estar sedimentadas no cabedal de conhecimento de todo o profissional de letras, sobretudo em literatura.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Então, é fundamental a revalorização da natureza literária, para que a crítica subsista e não perca seu material mais complexo de investigação: a obra literária.

Revalorizar a literatura significa primeiramente conhecer sua essência, para depois lhe projetar, identificar, reconhecer e valorizar a presença literária. Para tanto, a velha noção de literatura atrelada ao impresso precisa cair por terra, pois o discurso verbal pode acontecer de outros modos. Não estranha que o principal problema da crítica hoje seja justamente a abordagem sobre a literatura contemporânea, porque exige o conhecimento da literatura, isto é, um conceito além de pensar nas suas relações e problemas com o mundo atual, notadamente cada vez mais ágrafo, embora utilize grafemas. Pode parecer excessivo, mas na verdade a sociabilidade contemporânea ruma para destinos que excluem a escrita, como suporte arcaico. A leitura é tolerada como meio de comunicação disponível. O principal contratempo, no entanto, não é a presença de grafemas, mas essencialmente sua utilização para registrar e comunicar, sob uma forma coloquial, espontânea e imediata. Sua natureza é evidentemente oral, mas começa a se afirmar na escrita, tomando quase todo o espaço da produção textual da grande massa. Esse é o segundo problema que a crítica precisa enfrentar e estudar como fenômeno cultural que impacta na formação do homem pela dimensão do discurso e se relaciona com outras instituições, suportes e tecnologias. Além de reconfigurá-lo pelo discurso, deve fazê-lo mais amplamente pela linguagem. Essa é a língua como exercício de toda a linguagem, isto é, a redução das possibilidades escricionárias e escriturais do homem ao denotativo. Roland Barthes irá dizer que esse domínio é fascista, indicando apenas um caminho obrigatório para a fala e o sentido, produção e leitura. Livrar o homem dessa alienação e reificação através do pensamento sobre língua, literatura e linguagem é apenas um dos “inúteis” objetivos da área de letras. É preciso defender a dimensão criativa, extraordinária e imaginativa que constitui a maior complexidade e a maior relevância do homem.

Superados esses dois problemas fundamentais, ligados à autoestima do campo literário, o dilema principal da crítica literária surge da relação entre os dois problemas: o nível constitutivo e o nível relacional da obra literária. A crítica literária precisa resistir ao esvaziamento do literário e a escassez do exercício crítico para refletir a relação entre literatura e história, isto é, qual o lugar da literatura e o papel do lugar com seus agentes: autor, leitor, crítico. Muitas vezes o objeto literário é pensado como reflexo da sociedade, de modo que a obra de literatura é dessarte

porque o contexto histórico é destarte. Essa ligação (venal em todos os sentidos, desde visceral à venenosa) – essa ligação entre literatura e história põe a literatura a serviço da doxa, institucionalização verbal da complexa dinâmica social. Por aqui insiste Antonio Candido com sua sociologia da literatura, ávida de indiferenciar a literatura frente a outras produções culturais. Tzvetan Todorov, recentemente, no livro *A Literatura em Perigo*, querendo exorcizar a pecha anti-histórica e anticontextual do estruturalismo (do qual participou ativamente), terminou arranjando outros fantasmas, por exemplo, definir literatura como relato da civilização, símbolo nacional e ou cultural capaz de traduzir e informar o espírito da nação e de seus habitantes. Além de ser teoricamente equivocada, a escolha do tema como critério para construir o cânone já vem demonstrando seu desastre agora também em termos práticos e objetivos: verificando o espírito nacional e a capacidade de a obra literária transmiti-lo, estruturou-se repleto de problemas que são reflexo e resultado dos dilemas da crítica literária no Brasil, graças à escassez do debate teórico.

Mal definido ou maltratado, o objeto literário permanece no canto escuro do abominável. A estagnação desse processo corresponde ao estancamento do sangue que abandona o literário pelo fascínio a um outro objeto enfim valorizado. A visão não é delirante: no início do século XXI, os dilemas da crítica literária fizeram com que um crítico-referência como Cesare Segre publicasse um livro cujo título a um só tempo diz o erro e assume a *mea culpa: Ritorno alla Critica*.

De fato, percebeu-se que não adiantaria o monstro no armário ou varrer a poeira para debaixo do tapete: não seria abandonando-o que a crítica mataria o objeto literário, livrando-se do incômodo permanentemente.

A aventura dos estudos culturais, mais recentemente, e das hermenêuticas, há mais tempo, foi patrocinada pela ideia de se identificar outro objeto (seja a esfera pública, seja a filosofia), transformando o literário numa plataforma secundária ou mesmo ressignificando-o, entre outras formas culturais, a meio caminho do signo e da arte. A linha de força atrelada ao signo fez a literatura transitar como mais um gênero textual entre tantos outros. Já os estudos voltados ao estético (que determinam a natureza artística) preferiram visitar a metafísica para tornar a literatura um objeto demonstrativo de teses e teorias filosóficas, na famosa falácia comunicativa, daquelas *critical fallacies* de Wimsatt.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Passando de um âmbito mais geral para o particular, a crítica literária terá dificuldades na formação do cânone literário brasileiro, devido aos dois problemas gerais de teoria literária universal: o que é literatura e qual sua relação com o outro, os outros, o contexto.

Resulta diretamente da confusão epistemológica em torno de más definições para literatura a dilatação do cânone com materiais não-literários. Possuindo alguma propriedade de suporte em comum (mas nunca de natureza), textos de vários gêneros não-literários aparecem incoerentemente no cânone: Pe. Antônio Vieira, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, dentre outros. Estes autores aparecem em várias histórias literárias, enquanto outros escritores circulam pela cena literária captada principalmente por uma crítica interessada no momento de produção do texto, a meio caminho entre crítica genética e história, conhecida como vida literária. Nessa abordagem surgem nomes como Rui Barbosa, Carlos Lacerda, Visconde de Ouro Preto etc., participando de grupos literários, tertúlias, reuniões.

É preciso retirar, a exemplo de Rui Barbosa, os autores ensaístas. O ensaio como gênero literário implica uma controvérsia inoportuna para o assunto central – dilemas da crítica – contudo, para considerá-lo no Modernismo, o ensaio terá de constar em todos os outros estilos. Se não há presença costumeira do ensaio nas histórias literárias, certamente é porque esse gênero textual tenha outra natureza, assim como as cartas quinhentistas dos navegantes e jesuítas.

Outro dilema, também decorrente da má definição de literatura, incide no esquecimento quase total do teatro nas histórias literárias. Gêneros incorretamente aproveitados e retirados, a estruturação do cânone literário deve apresentar os três gêneros literários (lírico, épico, dramático) nos seus mais diversos suportes com os seus mais diversos diálogos.

É preciso vencer mais um dilema com relação à preferência dos discursos nacionais como critério para atribuir valor qualitativo à obra literária, destacando Romantismo e Modernismo como estilos mais importantes. Dentro da mesma lógica, aceita-se a literatura de informação não por ser estética, mas por ser um discurso nacional. O efeito é diverso, mas a origem está no mesmo problema de inserir Pe. Antônio Vieira, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Rui Barbosa entre os escritores de literatura. Confundida com símbolo nacional escrito, a literatura brasileira sofre outro problema estrutural causado pelas incertezas, falhas e despreparo da crítica para resolver dilemas teóricos.

A dificuldade de tratar a literatura contemporânea referenda os argumentos: a crítica literária no Brasil, afundada em dilemas, não consegue elaborar um capítulo verdadeiramente de análise literária sobre literatura contemporânea porque, para fazê-lo, necessita promover o indesejado debate sobre o que é literatura, sob quais modos aparece, dialoga com o quê? É inadmissível, por exemplo, uma abordagem da literatura contemporânea que não assinale a telenovela e a música cantada. No diálogo com outros suportes, outras artes, outras mídias, a literatura comparece ao lado do desenho (HQs), pintura (iconografia), música, animação virtual, fotonovela, radionovela, telenovela etc. Se Paulo Coelho foi trazido ao cânone, mesmo na controvérsia, sua estrutura literária frágil e simplesmente simbólica legitima a inserção de cinema e telenovela como produções igualmente frágeis na estrutura literária e abre o debate para a observância de outros escritores simbólicos já aceitos no cânone, como Antônio Vieira, Euclides da Cunha, José de Alencar, José de Anchieta, Gilberto Freyre, Rui Barbosa etc.

O diálogo com o teatro, que não é novidade, deveria constar da compreensão de todos, mas, mesmo nos capítulos sobre Modernismo, lapsos terríveis são apressadamente corrigidos, sem ao menos um *mea culpa*, nos capítulos subsequentes: pós-modernismo e literatura contemporânea. É o que acontece, por exemplo, com Nelson Rodrigues.

Fato é que, no Brasil, fora da história literária, há uma história do teatro à parte, quando deveriam juntar.

Um dilema que ajudei a desfazer foi o antiparnasianismo. Uma história literária que deprecia um estilo isoladamente é, irrefutavelmente, uma crítica banhada de ideologias.

É preciso vencer as amarras das ideologias, para pensar superlativamente livre das limitações, opressões e obstruções. A ideologia influencia no julgamento crítico, descartando a imparcialidade. Uma história literária não pode ser modernista, antiparnasiana, marxista, socialista, fascista, nem de mercado. A história literária deve ser elaborada segundo critérios especialmente literários, jamais ideológicos.

A superação das ideologias está em curso, confrontando-se evidentemente com a resistência dos grupos compromissados com um programa de esquerda, direita, centro ou margem.

Com a pluralidade de suportes, dinâmica de veículos, diversidade de mídias e inovações de tecnologias, houve uma democratização com-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

pulsória do conteúdo. A gosto ou contragosto da elite intelectual, a informação passou a ter mais público, o acesso foi ampliado quase universalmente, logo as minorias encontraram o espaço disponível para divulgar seus trabalhos. Seja em blogs, sites, redes sociais ou até mesmo e-mail, a população de um modo geral encontrou a oportunidade de falar; e ouvir é questão de tempo.

De modo que toda uma literatura das minorias surge como “literatura marginal”, por, vindo da periferia, confrontar com o centro totêmico e hegemônico.

Mas, pensando bem, os grupos identificados como minorias nem sempre o são de fato. Por exemplo, as mulheres não formam minoria. Confunde-se aqui, na definição de minoria, o critério estatístico e o critério de acesso. Se juntarmos as minorias, elas formam a maioria e deverão chegar a formar uma totalidade harmônica e plural. Sobre esta questão, a crítica também está despreparada, justamente porque não sabe se deve incluir a literatura marginal por ser direito de classe, justiça social ou por ter qualidade estética. A refutação de um autor marginal pode vir a soar como elitista, justa ou injustamente.

No desejo de reprogramar-se, a crítica literária precisa de um trabalho autocrítico, autoavaliativo e autoconsciente. Torna-se fundamental revisitar as correntes críticas que se confrontaram de modo a resultar no quadro atual. É notório o abandono da forma pelo conteúdo. Aproveitada filosoficamente ou sociologicamente, a obra literária só é abordada quanto ao seu conteúdo e na medida em que seu conteúdo legitime uma tese, sirva de demonstração. As questões formais, que eclodem pelo intrincamento da expressão, foram sepultadas no jardim do esquecimento. As teses que recorriam à retórica e ou à poética para se estruturarem foram banidas da crítica como anacronismo, eruditismo. Mas é óbvio que a discussão semiótica e os fenômenos textuais contribuem efetivamente para o entendimento sobre literatura. Identificada corretamente a literariedade, ela pode ser procurada em todos os textos, fechados ou abertos a diálogos interartes e multimidiáticos. Nesse caso, a literatura mergulha num processo intersemiótico de alta complexidade: além de poder variar os seus suportes, a literatura pode se somar a outros suportes, de arte ou tecnológicos, provocando a relação (inter) das semioses (tratadas sob a ótica do suporte, do material, do conteúdo). De repente, a literatura está conexas ao teatro, à música popular, à telenovela, num amálgama de suportes, tecnologias e gêneros artísticos (artes performáticas). A crítica literária precisa solucionar dilemas e tratar seu objeto, reconhecendo-o em todo esse tran-

sito. Mas infelizmente, vemos uma crítica ainda voltada ao suporte papel, como se o poema musicado, a telenovela e a peça teatral não tenham surgido de uma fonte previamente escrita. Os capítulos sobre literatura contemporânea prestigiam e favorecem os textos impressos, chegando mesmo a listar escritores desimportantes quando comparados a certos poetas músicos e a certos roteiristas de telenovela, filmes, séries, animações virtuais. Tenho projeto interdisciplinar que prevê a cooperação de várias áreas do conhecimento (como literatura, cinema, comunicação social, editoração, informática, teatro, desenho etc.) para lançar a literatura, especialmente a escrita no papel, ao mar intermediático, incluindo aí a preocupação com acesso e necessidades especiais (impressão em braille, áudio-livro, filme, legenda, dublagem etc.). Será uma experiência interartes, intermídias, intersemiótica.

Mas, embora relevante no cenário cultural, tal atividade extrapola os limites da crítica enquanto discurso sobre literatura, com vistas à interpretação, análise e transmissão de leitura.

Revisitando o formalismo, urge elaborar um método de crítica global, capaz de unir hermenêutica e estruturalismo para melhor aproveitamento da investigação literária. Definir literatura é tarefa auxiliada muito mais pelo formalismo que pela hermenêutica. Identificar tema, assunto, motivo, explicando e comentando possibilita à hermenêutica abrir horizontes cognitivos, mas pouco ajuda na identificação do literário.

O derradeiro dilema da crítica talvez seja a intimidação frente a um trabalho hercúleo em que o cânone, já tão inchado e incorreto, se torne outro repertório. Para seguir à risca os critérios literários, José de Alencar, como autor simbólico, não representa a melhor qualidade estética do Romantismo. O problema é que a noção de qualidade estética, embora contestável, se sustenta nas próprias vicissitudes e nos próprios preconceitos que estruturam o cânone do modo errado em que se encontra.

A crítica literária vai abraçando dilemas à medida que assume ou sustenta compromissos ideológicos. Responsáveis por uma tradição, esses compromissos claramente esquadriharam de forma incorreta a literatura, principalmente quanto ao Modernismo. A criação de um estilo chamado “Pré-Modernismo”, destinado a ensaiar os preparativos do movimento seguinte, o Modernismo, só demonstra a pessoalidade com que os modernistas propuseram uma história literária. Com isso, o Decadentismo, estilo vigoroso na virada entre os séculos XIX e XX, sobretudo na

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

poesia. Nas primeiras décadas do século XX, é certo, houve uma congelação de escolas tradicionalistas e progressistas, conservadoras e vanguardistas, mas direcioná-la para apoteose do Modernismo e a consequente prevalência modernista frente ao conservador são duas questões abertas e, cada vez mais, os estudos vêm incentivando a desconfiança sobre este quadro ideologicamente matizado por Tristão de Athayde.

Os quadros propostos pelos outros críticos diferem em detalhes, mas trazem igualmente vicissitudes, embora de outra monta. A crítica literária precisa de uma vez por todas estabelecer o recorte historiográfico, o *corpus* literário. Afinal, a literatura brasileira começa com as cartas quinhentistas, como quer Ronald de Carvalho? Ou começa com o Barroco, segundo Afrânio Coutinho? Ou só inicia no Arcadismo, consoante a tese de Antonio Candido?

Outros problemas pontuais, a despeito da interpretação mesma das obras literárias assoberbam de polêmicas e dilemas a crítica literária no Brasil. Por exemplo, após a inclusão ou exclusão da literatura informativa, a crítica ainda precisa sedimentar corretamente os autores, porque, como tudo, possui seu lugar, e o lugar o identifica.

A primeira questão pontual é a respeito do Barroco. Começa com Anchieta, como crê Afrânio Coutinho, ou o jesuíta é pré-barroco como propõe Leodegário Azevedo Filho? Começa com Bento Teixeira e sua prosopopeia? Com a publicação dos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira? E Botelho de Oliveira: por que tão esquecido ou simplesmente reduzido à Ilha de Maré?

O segundo problema pontual trata do caso Gregório de Matos, cujo sequestro foi protestado por Haroldo de Campos. Os limites do *corpus* literário, sejam quais forem, terão aspectos negativos e positivos. Mas no caso da tese de Antonio Candido, causou reboliço a retirada do Barroco de dentro do *corpus* literário e consequentemente eliminando Gregório de Matos. Outro problema conexo é se suas sátiras eram denúncia social ou simples diversão das elites. João Adolfo Hansen veio a propor essa última leitura, recusando o caráter crítico geralmente atribuído à parte significativa de sua obra. Discordando nesse ponto de João Adolfo Hansen, nada me impede de concordar com as desconfianças suscitadas pela publicação tardia da obra de Gregório de Matos. Seria uma fraude? Seria autêntico, mas mero cancioneiro de muitos anônimos? Seria exclusivamente de autoria de Gregório?

O terceiro problema recai sobre a desvalorização do Arcadismo como estilo alienado. Paradoxalmente, eram esses poetas todos da Inconfidência Mineira, movimento de grande agitação política. Na década de 1990, o Prof. Jorge Ruedas de la Serna, do México, apresentou tese orientada por Antonio Candido, esclarecendo que os valores liberais, críticos e independentistas eram sorrateiramente transmitidos por um senho, isto é, um código que associava a palavras bucólicas o conteúdo nacional, crítico e propagador dos ideais liberais e iluministas.

O quarto problema é o tratamento do épico árcade. Ele não se constitui árcade porque esse estilo foi essencialmente lírico. Melhor seria classificar Basílio da Gama com seu *Uraguay* e Santa Rita Durão com seu *Caramuru*, como autores do estilo Pré-Romantismo, devido ao caráter encomiástico do índio e da terra brasileira.

O quinto problema é sobre o Romantismo. Sua fundação é convencionalizada em 1836. Esta geração de Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre e Torres-Homem é muito depreciada e pouco estudada. Gonçalves de Magalhães traz um romantismo ligado ao medievalismo e ao cristianismo essencial para o entendimento do que é romântico. Outro problema é o lugar de Gonçalves Dias, pois ele habita o interstício entre Gonçalves de Magalhães (1836) e José de Alencar (1857). Cabe ainda lembrar que a divisão tradicional em três gerações se aplica como de costume à poesia, porém ela se desequilibra em confronto com a prosa. Por exemplo, a primeira fase é chamada indianista e assim se liga a José de Alencar, mas a segunda fase eclode antes do indianismo de José de Alencar, com Álvares de Azevedo e seu mal do século.

O sexto problema é a depreciação do estilo parnasiano, hoje em vias de superação. Concernente a essa questão, a posição do Realismo como abertura do capítulo pós-romântico não deixa claro que o Parnasianismo foi o estilo imediatamente após o Romantismo, antes mesmo da prosa realista de Machado de Assis. Por último, a mania de vitimizar Cruz e Souza dá conotações populares a um estilo, pelo contrário, extremamente elitista.

O sétimo problema, já mencionado, trata do Pré-Modernismo e finalmente o oitavo problema que é a ideologia modernista influenciando a crítica do século XX. De modo que o Modernismo foi contado com lapsos e erros.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Síntese crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Genarsa, 1971

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguet, 1919.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

SEGRE, Cesare. *Ritorno alla critica*. Torino: Einaudi, 2001.

SERNA, Jorge Ruedas de la. *Arcádia: tradição e mudança*. São Paulo: Edusp, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WIMSATT, William K. Conferir: COHEN, Keith. O New Criticism nos Estados Unidos. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.